

humanitas

Vol. XLVII - Vol. I

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVII • TOMO I
MCMXCV

1.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DA DOUTORA MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA



MANUEL ALEXANDRE JÚNIOR

Universidade de Lisboa

PARADIGMAS DE EDUCAÇÃO NA ANTIGUIDADE GRECO-ROMANA

A nova consciência europeia, os desafios da qualidade e da modernidade, a livre circulação de pessoas, bens e serviços, os constantes apelos a uma mais consciente participação na construção do ideal europeu, colocam-nos perante a obrigação de reflectirmos a fundo a educação que temos, e de unidos trabalharmos, tanto pelo seu rápido ajustamento às realidades do nosso tempo e aos desafios de um futuro cada vez mais exigente, como pela sua eficaz resposta à imperiosa necessidade de soluções para os gravíssimos problemas que a sociedade hodierna nos coloca.

Que pensar da educação que temos neste final de século e de milénio? Que soluções se impõem para a adequar e moldar à medida da nossa realidade e das nossas necessidades? Em especial, neste momento singular da história em que a Europa está cada vez mais dentro de nós e nós mais dentro da Europa? Não ignoramos o quanto se tem feito nas últimas décadas para melhorá-la. Mas havemos de convir que avultam e se acumulam problemas de solução bem difícil e permanentemente adiada. Não, porventura, os que ultimamente mais têm agitado os estudantes, mas os problemas de fundo e de estrutura, aqueles que tocam na essência da educação, e no próprio sentido da vida. Problemas de que resultam afinal situações sociais de crise nada fáceis de gerir, senão mesmo impossíveis de controlar. Ou será que problemas como a droga, a sida, a violência urbana ou a poluição, problemas que hoje tanto afectam a nossa aldeia global, nada têm a ver com a educação na nossa terra?

A experiência da *παιδεία* helénica foi a esta luz tão rica e fecunda que nos parece valer a pena voltarmos a dirigir para ela o nosso olhar

atento e sereno. Tanto mais hoje, quando é certo que se vai perfilando na comunidade das nações ditas mais evoluídas um concerto de vontades que apontam já para uma harmonia de soluções globais. Refiro-me concretamente à filosofia da educação propugnada pelos pensadores helénicos, ao seu programa e práxis pedagógica de ensino, aos seus ideais de cultura. Por outras palavras, às virtudes paradigmáticas de um sistema operativo de educação que tanto contribuiu e ao longo de tantos séculos para suavizar e harmonizar diferenças entre os homens, para aproximar os povos e os fazer partilhar de um mesmo código de valores culturais e espirituais.

Conta-se que, quando Alexandre Magno atingiu o clímax das suas conquistas militares, chorou porque não tinha mais mundos para conquistar. Não por mera ambição de expansionismo territorial, mas porque entendia que a sua missão era muito maior e bem mais nobre do que a de um simples chefe militar. O que ele mais sonhava era com um mundo iluminado pelo esplendor da cultura grega, afirmando-se assim como um dos primeiros grandes universalistas que a história contempla. Aristóteles ainda ousou um dia dizer que era dever de todo o homem tratar os gregos como livres e os orientais como escravos. Mas Alexandre, seu discípulo, declarou radicalmente o contrário: que a sua luta tinha uma razão mais profunda, que ele havia sido enviado pela divindade não para dividir e separar os homens dos seus irmãos, mas para unir, pacificar e reconciliar o mundo inteiro;¹ que o maior objectivo da sua vida era o de poder vir a casar o Oriente com o Ocidente.² Pois também ele idealizara um império em que não mais haveria barreiras a separar os homens, fossem elas de natureza étnica, linguística ou cromática.

Não nos admira, pois, que as suas conquistas acabassem por resultar numa espantosa difusão da cultura grega. A própria conotação do termo «helenos» veio com o seu ideal de cultura a mudar radicalmente. E a tal ponto, que com ele se concretizou o que alguns dos grandes mentores e inspiradores dessa ideia vinham sustentando: que o melhor critério de nacionalidade não seria mais o de nascimento ou raça, mas o da sua língua e cultura.³

Se a πόλις grega não sofreu grandes transformações em sua estrutura política, económica e social depois das conquistas deste grande pastor de

¹ Plutarco, *Moralia* 329C, 330E. Ver William Barclay, *The Letters to the Philippians, Colossians and Thessalonians*. Philadelphia: The Westminster Press, 1975, pp. 179-180.

² *Ibid.*, 330 D e E.

³ Tucídides 1,3,4; Isócrates, *Paneg.* 50; Estrabão 1,41.

povos, a sua helenização cultural expandiu-se de forma exemplar, e fez-se grandemente sentir, sobretudo nos estados monárquicos dos Selêucidas e Atálidas, e no império dos Ptolomeus. Sublinha Henri Marrou que todas as crianças livres do espaço helénico frequentavam pelo menos a escola primária.⁴ E tão rapidamente essas escolas se implantaram em todo o espaço do mundo helenístico, que até no Egipto era possível encontrá-las nos mais recônditos centros rurais.⁵ As recomendações feitas uma geração antes por Isócrates, Platão e Aristóteles foram afinal bem aceites e depressa começaram a dar seus frutos. Era um mundo novo a ressurgir do antigo e a marcar toda uma época que se iria prolongar no tempo por mais de oito séculos. Tão forte deveria ser na época a convicção aristotélica de que o bem supremo radica no culto da ἀρετή intelectual, que por toda a parte surgiam indivíduos e fundações a patrocinar a educação das crianças e dos jovens, ou a apoiar determinados projectos literários, dentro e fora da sua pátria.⁶ Fenómeno que nos deixa ao menos perceber que as cidades helenísticas não viviam em isolamento cultural. Que, pelo contrário, todas elas partilhavam de um sistema uniforme de educação, e que não era difícil encontrar intelectuais originários de localidades distantes ou aparentemente insignificantes⁷ com idêntica formação.

1. OS GRANDES MODELOS DE EDUCAÇÃO HELÉNICA

O sistema de educação helenística brotou sobretudo dos dois modelos pedagógicos que mais se distinguiram na Atenas do século IV: o modelo platónico e sobretudo o isocrático. E se esse sistema se manteve praticamente inalterável ao longo de tantos séculos, foi porque nele se puderam filtrar e harmonizar com o tempo os conteúdos ideológicos e programáticos destes dois mestres, por forma a adequá-los à formação integral da pessoa humana.

De acordo com o ideal pedagógico de Platão, a educação escolar deveria ser universal, pública⁸ e destinar-se a formar o carácter do indiví-

⁴ *Histoire de l'éducation dans l'antiquité. Tome I: Le monde grec.* Paris: Seuil, 1981, p. 218.

⁵ *Loc. cit.*

⁶ Ver William V. Harris, *Ancient Literacy.* Cambridge: Harvard University Press, 1989, pp. 130ss.

⁷ P. E. Easterling, *The Cambridge History of Classical Literature I,4.* Cambridge: University Press, 1989, pp. 178-191.

⁸ *Leges VII*, 804c-e, 809e-810b. O mesmo recomenda Aristóteles, sugerindo, contudo, que esta comece aos cinco anos de idade e não aos sete.

duo de harmonia com os valores tradicionais e ideais da cidade.⁹ Concebeu por isso um modelo de educação dividido em duas etapas fundamentais: a primeira, consagrada à apropriação das virtudes morais básicas, por meio do exercício e da habitação mimética; a segunda, dedicada à aquisição das chamadas virtudes superiores da justiça e da sabedoria, mediante uma radical conversão da vida dos sentidos à dos valores ideais.¹⁰ Ciente de que educar é introduzir ordem e harmonia na conduta humana, Platão não dispensou os valores tradicionais da *παιδεία* arcaica, mas soube acrescentar-lhes algumas virtudes pedagógicas que a sua filosofia da educação teorizou.

Mais ainda fez Isócrates, que adequou esses valores de forma pragmática e inovadora às realidades do seu tempo. A filosofia, que para Platão era a coroação de uma cultura consumada, foi por Isócrates pragmaticamente integrada ao currículo do ensino secundário; e a retórica, que no *Fedro* não era mais do que uma mera aplicação da dialética, assumiu em Isócrates o estatuto de arte suprema. De sorte que, como observa H. Marrou, «se a educação platônica é em última análise fundada sobre a noção de Verdade, a de Isócrates repousa acima de tudo na exaltação das virtudes da palavra».¹¹ Isto é, nas virtudes do *λόγος*, que para ele não é apenas o discurso verbalizado ou a sua exterior forma de expressão, mas também e acima de tudo o pensamento, a razão, o sentimento e a imaginação: aquela forma de discurso pela qual persuadimos outros e nos persuadimos a nós mesmos; aquele dom da natureza humana que nos eleva acima da mera animalidade e nos habilita a viver em pleno a energia anímica da vida civilizada.¹²

Os princípios pelos quais Isócrates se bateu a vida inteira foram os que afinal plasmaram o fundamento ideológico da *παιδεία* helênica: que a educação deve sempre visar a recta conduta e prestar sempre os melhores serviços à comunidade. Da grandeza da sua obra e do impacto da sua influência, dará séculos depois testemunho o crítico Dionísio de Halicarnasso, ao afirmar que Isócrates foi o mais ilustre mestre e educador do seu tempo, não só porque fez da sua escola «a imagem de Atenas»¹³, mas também porque fez de Atenas a escola da Grécia. Não é, pois, sem razão que Cícero compara a sua escola a um imponente ginásio,

⁹ *Protagoras* 325e-326c.

¹⁰ *República* 535a-540a.

¹¹ Op. cit., p. 130.

¹² *Antidosis*, 253-255.

¹³ *De Isocrate* 1.

a um autêntico atelier de palavras aberto a toda a Grécia, ao cavalo de Tróia do qual saiu uma multidão de heróis.¹⁴

Nesse processo dinâmico de educação de que resultou o modelo helenístico, Aristóteles distinguiu-se como o primeiro de todos os educadores de Atenas a definir com rigor as várias disciplinas das artes e das ciências, a enquadrar estas num tronco comum do saber humano¹⁵ e a produzir com elas um corpo de conhecimentos devidamente estruturado e sistematizado. Foi, de facto, por influência do seu ensino que na época helenística se veio a desenvolver e aperfeiçoar o conceito de artes liberais.¹⁶ Esse núcleo integrado de estudos, que mais tarde se consagraria como garante estável e eficaz de uma cultura geral sólida e minimamente aceitável.

2. O SISTEMA EDUCATIVO ADOPTADO NO PERÍODO HELENÍSTICO

O ideal de educação encarnado no conceito de *παιδεία* helenística era considerado uma conquista histórica de tão grande valor que, no primeiro século a.D., ainda se referia como «uma espécie de religião helenística da *paideia*».¹⁷ Tratava-se, efectivamente, de um sistema educativo vital para a preservação da herança cultural do helenismo, de grande eficácia aliás na fecundação do génio grego.

Embora o mundo helenístico se apresentasse dividido em vários reinos e num bem elevado número de cidades autónomas, a sua vida cultural formava uma unidade espantosamente exemplar. Tão depressa a influência da educação grega transpôs as fronteiras das cidades e dos reinos helenizados, que já no século III a.C. se havia começado a instalar na própria cidade de Roma.¹⁸

¹⁴ Cícero, *De oratore* 2, 22, 94.

¹⁵ Podemos encontrar este seu esquema de educação no livro sexto da *Metafísica* e igualmente no livro sexto da *Ética a Nicómaco*. Aristóteles dividiu a actividade intelectual em quatro categorias: (1) ciências teóricas, que incluem matemática, física e teologia; (2) artes práticas, que incluem política e ética; (3) artes produtivas, que incluem as humanidades, as belas-artes e a medicina; (4) e métodos ou instrumentos de trabalho (*organa*), que, sem distinção, são aplicáveis a todas as áreas de estudo. Ver G. Kennedy, *Aristotle on Rhetoric. A Theory of Civic Discourse*. New York: Oxford University Press, 1991, p. 12.

¹⁶ Antes introduzido por Platão.

¹⁷ James Bowen, *Historia de la Educación Occidental*. Tomo I: «El Mundo Antiguo». Barcelona: Herder, 1976. pp. 230-231. Cf. Pseudo-Plutarco, *De Liberis educandis*, 10.

¹⁸ Valerius Maximus VII, 7, 1. Ver W. Harris, *op. cit.*, pp. 158-159.

A cultura helenística transformou-se assim na cultura do mundo, e o seu modelo de educação, no modelo paradigmático de todas as experiências locais e regionais. Pois, muito embora as tradições culturais de cada povo conservassem a sua energia e vitalidade próprias, elas iam pelo menos perdendo a sua justificação ideológica. O que retinham da sua individualidade era rapidamente transformado e colocado ao serviço das demais, como um contributo acrescido para o enriquecimento da multifacetada cultura mundial do helenismo.¹⁹

Segundo Helmut Koester, foram os estóicos quem mais contribuiu para a encarnação da ideia de uma cultura mundial.²⁰ Pois já ensinavam que o mundo não passa de uma grande cidade em que as pessoas de todas as nações são cidadãos com direitos iguais, e que era obrigação moral de todos os povos deixarem de reconhecer entre si quaisquer distinções de raça ou de estatuto social. A literatura helenística deixava assim de contemplar o homem como simples membro de um estado ou de uma cidade particular, porque o olhava já como um cidadão do mundo: obrigado a servir directamente a cidade em que residia, sim, mas também a contribuir indirectamente para o bem-estar de todas as demais. Foi essa a razão pela qual os governantes do mundo helenístico não só implementaram ousados programas de educação na sua pátria, fazendo os maiores esforços para promover a cultura, a arte, a ciência e a literatura, mas também apoiaram os das cidades irmãs com avultadas somas de dinheiro, sobretudo as que mais se vinham distinguindo na comunidade helenística das nações como símbolos dessa tão apreciada unidade cultural.²¹

Num tempo em que é vincadamente realçada a importância do «desenvolvimento de todos os sectores educativos considerados vitais para a Europa do futuro»²², num tempo em que se pretendem harmonizar os diferentes modelos do sistema educativo, mas precariamente se promove a formação integral do homem, vale a pena contemplar essa multissecular experiência didáctica e pedagógica, na qual afinal se inspirou toda a história da educação ocidental. Pois nada perdemos em regressar às origens para hermenêuticamente contemplarmos a nossa rica experiência à luz da sua, num tempo e num mundo de dinâmicas e aspirações afinal tão semelhantes.

¹⁹ Helmut Koester, *Introduction to the New Testament. Volume I: History, Culture, and Religion of the Hellenistic Age*. Philadelphia: Fortress Press, 1982, pp. 97-98.

²⁰ *Loc. cit.*

²¹ William Harris, *op. cit.*, p. 132.

²² «Memorando sobre o Ensino Superior», 1992, p. 3.

3. PARADIGMAS DE EDUCAÇÃO NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA GREGO-ROMANA

Limitar-me-ei a assinalar alguns dos fenómenos que a meu ver mais contribuíram para potenciar e activar o milagre da παιδεία helenística, como traços paradigmáticos de estrutura em que de raiz se inspirou o seu projecto global de educação.

3.1. A EDUCAÇÃO HELÉNICA ERA UMA EDUCAÇÃO DE BASE PROFUNDAMENTE HUMANISTA E ÉTICA

Cientes de que a cultura é tudo o que enforma a identidade de um povo, a soma total dos seus valores e formas de conduta, as suas estruturas de conhecimento e pensamento, a sua linguagem e modos de comunicação; convencidos também da superioridade da cultura helénica, os Gregos entenderam a educação como um esforço deliberado de a encarnar, viver e ensinar, internacionalizando-a e passando-a às gerações seguintes. Outro tanto fizeram os Romanos, que traduziram o termo παιδεία por *humanitas*, por ser este o melhor que encontraram para expressar o ideal da educação helenística como um humanismo de aspiração e eleição: isto é, o de uma formação holística da pessoa humana, o da sua formação global e integral. Como mais tarde diria Séneca, na octagésima oitava das suas *Cartas a Lucílio*, «são educativas aquelas artes... que os gregos chamam ‘enciclopédicas’, e os romanos chamam igualmente ‘liberais’», por serem elas dignas de um homem livre e lhe prepararem o espírito para a virtude.²³ Em nenhuma circunstância o estudo das matemáticas, das ciências ou das tecnologias obscurecia o das humanidades. Antes as validava e delas permanentemente se alimentava.

3.2. A EDUCAÇÃO HELENÍSTICA ERA UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL E COMPLETAMENTE INTEGRADA NUM PROJECTO GLOBAL

O ideal da educação helenística era a formação do homem total, visando o equilíbrio e a harmonia completa «do corpo e da alma, do carácter e do espírito, da sensibilidade e da razão».²⁴

²³ Séneca, *Cartas a Lucílio*, 88.

²⁴ Henri-Iréné Marrou, *Op. cit.*, pp. 325-326.

Um ideal cuja essência surge lapidarmente expressa na fórmula clássica que saiu da pena de um celebrado poeta latino do segundo século a.D.: *Orandum est ut sit mens sana in corpore sano*.²⁵ O programa de estudos contemplado nesse ideal de educação cuidava de assegurar na escola de gramática uma cultura geral encíclica que se destinava a desenvolver em equilíbrio todas as faculdades físicas, vocacionais e mentais do aluno. Mas não ficava por aí. É que, «o classicismo não se satisfaz com a mera formação de um letrado, um artista, um sábio»,²⁶ ou um bom profissional. No seu projecto de uma educação verdadeiramente integral e completa, as escolas helenísticas investiam acima de tudo na formação moral dos seus alunos, desde o berço até ao clímax da sua carreira escolar. Esse é que era para eles o real fundamento de uma pedagogia de sucesso.

3.3. A EDUCAÇÃO HELENÍSTICA FIRMAVA-SE NUM PROGRAMA DE EXERCITAÇÃO MIMÉTICA CONTÍNUA

Na instrução primária, os textos escolhidos eram simples, mas pedagógicos e moralmente instrutivos. No ensino preparatório e secundário, os persistentes exercícios de composição literária visavam, primeiro inculcar normas de correcção e fluência, depois estimular formas de expressão original. Assistidos por um cânon de exercícios graduados de composição, os chamados *προγυμνάσματα*,²⁷ os alunos eram orientados tanto na defesa e refutação de teses, como na elaboração amplificada de temas ou ditos e feitos de figuras célebres da sua história. Exercícios estes que obedeciam a normas estritamente formais, mas ao mesmo tempo os estimulavam a cultivar a estrutura lógica do seu pensamento, a força persuasiva dos seus argumentos, e os valores dominantes da sua cultura. Entre eles, distinguem-se exercícios como a *cria* e a *máxima*, que igualmente valiam pela ressonância moral e filosófica da mensagem que inspiravam e transmitiam.

²⁵ Juvenal 10, 356.

²⁶ H.-I. Marou, *Op. cit.*, p. 328.

²⁷ Exercícios preparatórios de retórica que se praticavam nas escolas a meio caminho entre o ensino secundário e o superior, «en un momento de la historia de Grecia en que se vive una grande efervescencia cultural, caracterizada sobretudo por el retorno a los grandes modelos clásicos del pasado» (M.^a Dolores Reche Martínez, em sua introdução a Téon, Hermógenes, Aftonio, *Ejercicios de Retórica*, Madrid: Gredos, 1991, p. 7). Exercícios simples, como a fábula, a narração, a *cria*, a *máxima* e a confirmação, estudavam-se nas escolas de Gramática; os restantes, só geralmente nas escolas de Retórica. Eram exercícios que sobretudo visavam preparar os jovens para a elaboração do discurso oratório em cada um dos seus géneros.

O recurso a essas formas éticas de educação, inspiradas em ditos de sábios e educadores que a memória seleccionou e a história consagrou, tinha de facto uma função social bem mais importante do que a puramente escolar. Esses sugestivos modelos de articulação linguística e literária não só faziam germinar na alma dos alunos as primeiras sementes da sua sensibilidade artística, como também os ajudavam a inculcar no seu espírito as tão celebradas virtudes da justiça, da coragem, da prudência e da temperança. Ajudavam-nos a ensaiar os seus primeiros passos no mundo complexo das convenções retóricas, mas ensinavam-lhes simultânea e mimeticamente as normas que governam a vida de um bom cidadão, não como vago ideal de realizações estéreis, mas como uma obrigação moral e espiritual que aponta para a prática do bem comum. Com a sua forma, esses exercícios prescreviam normas que graduavam as composições do aluno e o adestravam na arte de bem servir e comunicar pela palavra; com o seu conteúdo, eles iam sensibilizando o mesmo aluno para todo um código de princípios e valores morais que, com o tempo, lhe haveriam de enformar o carácter e temperar a conduta.²⁸

Ora estes exemplos têm para nós hoje um elevado valor paradigmático, pois são aspectos que o nosso sistema de educação, progressivamente secularizada, acabou por desvalorizar e quase perder de vista.²⁹ Na sua ânsia incontida de se concentrar na formação de especialistas e de técnicos, ela pode vir até a correr o risco de desumanizar o homem, a transformá-lo em simples peça anónima de uma máquina. Ignorando afinal, que o mais importante é alimentar-lhe o espírito e investir na sua formação global, pois uma vez formado, «o espírito é uma força admirável, perfeitamente livre e totalmente disponível, para realizar seja que obra for».³⁰

²⁸ Manuel Alexandre Jr., «Importância da cria na cultura helenística», *Euphrosyne* 17 (1989), pp. 61-62.

²⁹ H.-I. Marrou, *Op. cit.*, p. 328.

³⁰ *Ibid.*, p. 333.